

Os laços familiares entre os Knabben da Colônia Santa Isabel e os Silveira de Palhoça

Daniel Silveira¹

Este artigo é fruto de uma pesquisa que ainda está em seu princípio. Todas as sugestões, acréscimos ou objeções oriundas de quem o lê com o fim de melhor complementá-lo ou enriquecê-lo serão muito bem-vindas.

Neste momento a proposta é socializar as informações que disponho relacionadas aos imigrantes germânicos de sobrenome Knabben que residiram na Colônia Santa Isabel e migraram para a sede de Palhoça lá constituindo família com os Silveira. Escreverei, também, outros artigos relacionados aos sobrenomes Bilck² e Schlichting.

Mas, por que um Silveira, um sobrenome típico de origem luso-açoriana³ escreve sobre Knabben? A resposta é simples. Por sua ancestralidade.

Dentre meus ancestrais paterno e materno tenho, entre outros, os sobrenomes Silveira, Bilck, Knabben e Schlichting. Costumo dizer que se no Brasil as etnias não se misturaram, irão se misturar. Fato que acho deveras benéfico. Para mim a miscigenação propicia a diversidade e isso é muito positivo. Em nosso país, onde tudo se mescla, em que

¹ Pedagogo formado pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC e Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Funcionário efetivo da Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara/SC. Trabalha na Casa da Cultura e Turismo onde responde pela área cultural e histórica. Reside em São Pedro de Alcântara. Em parceria com o historiador Toni Jochem organizou os dois volumes dos livros "1829: São Pedro de Alcântara, páginas de sua história". Faz parte da Academia Alcantareense de Letras/ACALLE e da Academia de Letras de Palhoça. Contato: daniel@pmspa.sc.gov.br

² O sobrenome aparece também grafado Bilc. Em consideração ao meu tio-avô Frei Ildelfonso Silveira que escrevia o sobrenome de sua avó Theresa com a grafia Bilck eu irei utilizar esta grafia em meu artigo.

³ Utilizo luso-açoriana para identificar que se trata de família portuguesa originária do arquipélago dos Açores e não de Portugal continental.

descendentes germânicos se unem aos de portugueses, ou italianos, ou negros, ou... se conhecermos a história e praticarmos as tradições dos antepassados mesclando-as e incorporando-as com respeito ao *modus vivendi* de cada nova geração, muitos frutos bons surgirão.

Embora a confecção deste artigo vise tratar de assuntos relacionados com a história da Colônia Santa Isabel, para que o leitor e leitora possa ter uma visão mais ampla sobre a relação dos Silveira com os Knabben estendi um pouco o foco, além da referida Colônia relatando fatos familiares ocorridos no município de Palhoça. Mas, por que Palhoça? Porque é ali onde as vidas desses descendentes de imigrantes germânicos se entrelaçam com os de origem luso-açoriana. No meu caso a diversidade ancestral e a história da família carregam fatos esdrúxulos. A começar pela alteração da grafia do sobrenome Silveira que praticamente em cada geração se modificava.

Meu primeiro antecessor europeu chegou na Ilha de Santa Catarina, na Vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje injustamente chamada de Florianópolis, possuía o sobrenome **Alvernas**. Aliás, detesto ter que usar o nome Florianópolis, uso "Floripa" para apaziguar um pouco meu ânimo e amenizar meu descontentamento. Prefiro, e sou defensor, que seja restituído à capital de nosso belo estado o seu nome original de Nossa Senhora do Desterro⁴. Mas, isto é uma outra história⁵.

Voltemos ao Alvernas. Foi inusitado quando ao pesquisar a origem dos meus ancestrais, deparar com o registro de casamento existente no arquivo da Arquidiocese em "Floripa", datado de 1750 onde consta ALVERNAS o sobrenome do meu primeiro antecessor que desembarcou na Vila de Nossa Senhora do Desterro. Sua origem? Ilha do Pico, uma das nove ilhas que fazem parte do arquipélago dos Açores. Francisco **Pereira Alvernas**, filho de Antônio **Silveira de Alvernas** e Catharina Pereira⁶, nascido em 25/10/1725 em São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores, Portugal, falecido em 1795 em São José, Santa Catarina (local de sepultamento desconhecido).

Francisco casou em 09/02/1750 na Catedral de Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina⁷ com Thereza Josepha de Jesus (ou Thereza Josepha da Encarnação), nascida em

⁴ Quem conhece um pouquinho a história da chacina que ocorreu na Ilha de Anhatomirim resultando no fuzilamento de centenas de pessoas a mando do sanguinário coronel Moreira César a quem o Presidente da República Floriano Peixoto deu carta branca vai me dar razão.

⁵ Sobre o tema recomendo, a leitura do livro Chacina em Anhatomirim, do autor Maurício Oliveira. Embora tratar-se de um livro simples em sua concepção e de poucas páginas é muito interessante para quem gostaria de se iniciar sobre o assunto.

⁶ Antônio Silveira nasceu em 1681 na freguesia (comunidade) de São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores, Portugal e lá faleceu em 13/06/1746. Catharina Pereira nasceu em 16/01/1676 em São Roque do Pico, Ilha dos Açores, Portugal. Não é conhecida a data e o local de seu falecimento.

⁷ Documento existente no Arquivo da Arquidiocese de Floripa. Registros de Casamentos de São José da Terra Firme anos de 1714 a 1775.

1730 (aproximadamente), também em São Roque do Pico. O historiador e professor Vilson Francisco de Farias faz uma observação muito singular: **Alvernais** é um sobrenome açoriano de origem árabe⁸. Em minhas pesquisas, pude encontrar as seguintes variações para o sobrenome: Albarnaz, Albernaz e Alvernais. Farias (2006) cita os nomes de Francisco Pereira Alvernais e Thereza Josefa de Jesus como integrantes do contingente de famílias fundadoras de São José da Terra Firme⁹. Os luso-açorianos Francisco Pereira **Alvernas** e Thereza Josepha de Jesus, geraram em solo brasileiro o meu primeiro ancestral catarinense Antônio **Silveira Alvernais**. Geração após geração, os descendentes de Francisco Pereira Alvernas e Thereza Josepha de Jesus uniram-se em matrimônio com esposas de origem luso-brasileira. Todavia, isso mudou, a partir do momento em que Laudelino José da Silveira se apaixonou por uma descendente de imigrantes alemães, chamada Emília Knabben.

Relação de meus ancestrais por linhagem paterna.	
Nome do marido	Nome da esposa
Antônio Silveira Alvernais	Gertrudes Theodora do Amor Divino
Vicente Silveira de Souza	Anna Maurícia de Souza
José Nicolão da Silveira Nascido em 10/09/1840. Falecido em 06/08/1910	Maria Francisca da Silveira
Laudelino José da Silveira Nascido em 15/04/1882. Falecido em 22/12/1933 ¹⁰	Emília KNABBEN Nascida em 01/01/1887. Falecida em 25/03/1929

O matrimônio entre Laudelino José da Silveira (apelido Lalau) com Emília **Knabben**, insere em uma família de tronco luso-açoriano uma família de origem germânica. O casamento ocorreu no dia 20 de julho de 1907, na igreja de Pá-lhoça. Laudelino com 25 anos de idade e Emília com 20 anos.

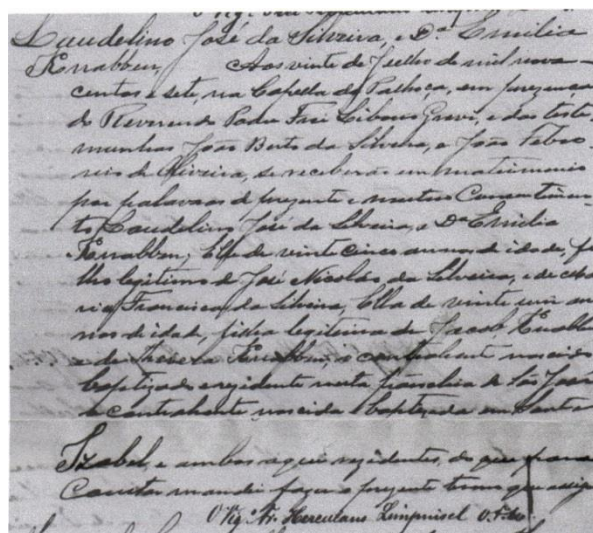


Fig. 1: Registro de Casamento de Laudelino Silveira e Emília Knabben.

No Registro de Casamento consta¹¹:

⁸ FARIAS (2006, p. 115).

⁹ Fonte: FARIAS, Vilson Francisco de. São José - 256 Anos - Em Busca das Raízes: São José: Ed. do autor, 2006.

¹⁰ Arquivo da Arquidiocese de Floripa. Paróquia de São José. Livro 7/Folha 34.

¹¹ Registro de Casamento obtido na fonte <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:D97J-KFN2> /Acesso em: 01/08/2022.

Laudelino José da Silveira e Dona Emília Knabben.

*Aos vinte de julho de mil novecentos e sete, na Capela de Palhoça, em presença do Reverendo Padre Frei Liborio Grewe¹², e das testemunhas João Bento da Silveira e João Febronio de Oliveira, se receberão em matrimônio nas palavras de presente e mistoso consentimento Laudelino José da Silveira e Dona Emília Knabben. Ele de vinte e cinco anos de idade filho legítimo de José Nicolão da Silveira, e de Maria Francisca da Silveira, Ela de vinte e um anos de idade, filha legítima de Jacob Knabben. O contratante nascido baptizado e residente nesta parochia de São José a contratante **nascida e baptizada em Santa Isabel**¹³, e ambos aqui residentes do que mandei fazer este termo que assigno.*

O Vigário Frei Herculano Limpinsel O.F.M.¹⁴.

Mas, por que o casamento de minha bisavó **Emília Knabben** ocorreu na igreja de Palhoça, sendo ela **batizada em Santa Isabel**? Pois não consta no Registro de Casamento que Laudelino José da Silveira e Emília Knabben residiam em Palhoça? Como assim? Emília residia em Palhoça? Sim! O pai de Emília – Jacob Knabben – após deixar a casa de seu tio Mathias Knabben¹⁵, em Rancho Queimado (não consegui identificar o nome da localidade), foi morar em Rio dos Bugres (*Bugerbach*), sede da Colônia Santa Isabel. Jacob Knabben, filho de Werner Knabben e Anna Christina Schmitz, nascido em 23/12/1864, em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália, Alemanha. No ano de 1878, emigrou para o Brasil, residindo com seu tio Mathias Knabben, em Rancho Queimado. Seu tio, não possuía filhos e propôs fazer de Jacob um de seus herdeiros. Entretanto, Mathias não cumpriu com a promessa.

Jacob, descontente deixou a casa de seu tio, indo morar na localidade de Rio dos Bugres. Lá montou um curtume em sociedade com seu tio Benedicto Kirchner¹⁶. Foi em *Bugerbach* que conheceu e casou com uma moça chamada Theresa Bilck, que viria a ser minha trisavó (mãe de Emília Knabben). Depois de alguns anos residindo em *Bugerbach*, vendeu sua parte na sociedade¹⁷ do curtume e foi morar com sua esposa Theresa no

¹² Frei Libório Grewe nasceu em Geseke, Alemanha, em 21/02/1877 e faleceu em 31/07/1932, no Rio de Janeiro.

¹³ Grifo do autor. Na página Família Knabben consta que Emília Knabben nasceu em Palhoça. Esta afirmação também está correta haja vista Santa Isabel na época do nascimento de Emília Knabben, 01/01/1887, pertencer ao município de Palhoça.

¹⁴ O.F.M. significa Ordem dos Frades Menores. Com relação ao Frei Herculano Limpinsel seu nome consta no elenco da segunda expedição dos Frades da Província Franciscana de Santa Cruz, da Saxônia, na Alemanha, que chegaram em Teresópolis em busca de “clima conveniente” e que resultou na restauração das antigas Províncias luso-brasileiras: Imaculada Conceição e Santo Antônio. Teria saído da Alemanha em 12/11/1891 e chegou a Teresópolis em 12/12/1891. Fonte: Jochem, Toni. A formação da Colônia Alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910). Palhoça: Ed. do autor (2002, p. 123).

¹⁵ Falarei mais sobre este assunto em outro artigo que escreverei relacionado ao texto de uma carta que foi escrita por José Knabben relatando sobre a vinda da família Knabben para o Brasil.

¹⁶ Benedicto Kirchner era casado com Bertha Bilck, irmã de Theresa Bilck, minha trisavó paterna. Fonte: STEINER (2019, p. 53).

¹⁷ Não consegui saber em que data Jacob vendeu sua parte na sociedade do curtume.

centro de Palhoça¹⁸, onde compraram uma casa, pasto e lancha de seu cunhado Gustavo Fenner¹⁹.

Não conheci minha bisavó Emília Knabben, tampouco meu bisavô Lalau, pois faleceram antes de meu nascimento. O que sei é o resultado de entrevistas com familiares, alguns registros escritos e escassas fotografias relacionadas ao casal.

Em uma das raras fotografias, estão em um piquenique. Ao visualizar, me ponho a pensar sobre o dia maravilhoso que passaram entre os seus amigos e familiares. Pelas vestimentas tudo indica tratar-se de um dia invernal – ou seria um daqueles dias atípicos de vento sul? Quais músicas escutaram no gramofone? Sobre quais assuntos conversaram? Qual o motivo da realização do piquenique? Quem são as outras pessoas que estão na fotografia? Perguntas que nunca saberei a resposta. A mencionada fotografia meu falecido tio paterno, Claudir Silveira, disponibilizou na página 119 de seu livro intitulado Palhoça. No rodapé da mesma em uma simples linha constava: um piquenique em 1918. Nada mais sobre a foto.



Fig. 2: Um piquenique em 1918. À direita, quase na borda da mesma em uma sequência de mulheres surge minha bisavó Emília, uma senhora alta de conformação física robusta. A seu lado meu bisavô Lalau, um homem de estatura mediana e constituição mais franzina. No centro da fotografia, na frente de um gramofone, uma criança sentada descalça, mas bem vestida. Trata-se do primogênito do casal Jacob Santana Knabben Silveira. Meu avô Totó Uma criança com seus oito anos de idade, nascida em 26 de julho de 1910. Acervo da família Silveira. (SILVEIRA, 1980, p. 119).

¹⁸ O Eng. Agrônomo Jonas Bruch, um dos coordenadores do projeto “Páginas da Colonização”, e uma das pessoas que solicitei revisasse meu artigo (agradeço também ao historiador Toni Jochem e o escritor Luiz Silva), aventa que a migração de Jacob Knabben e Theresa Bilck Knabben para Palhoça (Sede), pode estar relacionada com a mudança do trajeto da Estrada a Lages. O ramal pelo Rio dos Bugres deixou de ser usado por volta de 1900, a partir dali, começaram a usar o ramal por Teresópolis, subindo o Morro do Cedro para chegar a Rancho Queimado, diminuindo significativamente a atividade econômica na localidade de Santa Isabel.

¹⁹ Gustavo Fenner casado com Johanna Bilck irmã de Theresa Bilck minha trisavó paterna.

Numa segunda fotografia, um belo registro de meus bisavós – Emília e Laudelino. Apresentam-se lindamente vestidos em trajes de gala. A fotografia me foi repassada pelo primo Sílvio Knabben. Esta, faz parte do álbum de fotografias que pertenceu ao meu tio-avô paterno Frei Ildefonso Silveira. Qual ano da foto? Não sei dizer. Aliás, ninguém de minha família sabe dizer.



Fig. 3: Emília Knabben e seu esposo Laudelino José da Silveira. Sem data (acervo Sílvio Knabben). Disponível em: <http://www.knabben.com.br/>.

Além das informações providas de registros escritos²⁰ por meus tios Claudir Silveira (irmão de meu pai) e Frei Ildefonso Silveira (irmão de meu avô paterno), ambos já falecidos, coletei depoimentos da minha tia madrinha, Clarice Silveira Medeiros, e da minha tia Claudete Silveira de Matos. Somaram-se aos depoimentos os relatos dos primos distantes Sílvio Knabben e Jurandir Knabben. Aliás, o primo Jurandir e o primo Sílvio se mostraram profundos conhecedores da história da família Knabben.

Jurandir Knabben²¹ desenvolveu e gerencia uma página na Internet denominada “Família Knabben”²². Um excelente e muito bem embasado trabalho de pesquisa que levou anos para ser construído.²³ O trabalho realizado por Jurandir, além de muitíssimo facilitar as minhas pesquisas, possibilitou a confecção de um artigo mais substancial em imagens.

²⁰ Tio Claudir Silveira registra informações sobre a família em seus livros “Balaio de Caranguejos” e “Palhoça”. Meu tio-avô Frei Ildefonso faz seus registros em um documento inédito onde fala sobre suas memórias e em um artigo que escreve sobre a biografia do Frei Nazário (em *Vida Franciscana*, setembro de 1971, ano XLIX, n.º.42).

²¹ Jurandir Knabben nasceu em Gravatal/SC e reside em Balneário Camboriú/SC, desde dezembro de 1973. Engenheiro Civil (UFSC), e Historiador (UNIVALI). É bisneto de Werner Knabben e Anne Christine Schmitz. Seu avô, José Knabben era irmão de meu trisavô Jacob Knabben.

²² Endereço eletrônico da página da Família Knabben: <http://www.knabben.com.br> /Acesso em: 20/07/2022.

²³ Na realidade essa riquíssima página ainda está em construção, pois todo descendente da família Knabben pode interagir atualizando a mesma guardando-a com fotos ou documento e repassando informações. Recomendo a todos os Knabben que visitem e prestigiem a página. Graças ao trabalho do primo Jurandir consegui fotos e informações dos pais de minha bisavó Emília e da quase totalidade de seus irmãos e irmã.

Outra pessoa, embora não familiar, mas que foi de uma gentileza sem igual, a quem externo meu agradecimento, foi o médico e genealogista amador Carlos Eduardo Steiner. Dr. Carlos, como veremos no decorrer deste artigo, produziu em forma de livros um excelente material, uma trilogia, relacionado à genealogia teuto-catarinense. Através de sua obra, dados dos ancestrais de minha bisavó Emília foram possíveis de obtenção. Às informações de Steiner, juntei fotos e outras informações disponibilizadas na página Família Knabben.

Outro documento de grande importância refere-se a uma carta, que fala sobre a vinda dos Knabben para o Brasil. Carta entregue a meu tio-avô Frei Ildelfonso Silveira O.F.M. pelo Frei Nazário Knabben O.F.M. (irmão de Emília Knabben). Sobre a mencionada carta, por sua preciosidade e riqueza de detalhes, irei confeccionar um artigo a parte.

Nos escritos de família não é costume constarem tragédias. Geralmente os próprios familiares omitem tais fatos, porque lhes dói na carne, lhes causa muita tristeza. Mas, minha função aqui não é descartar tais episódios. Assim sendo, não suprimi deste artigo momentos de dor. Acho oportuno que as futuras gerações saibam das agruras vividas por nossos ancestrais a fim de valorizem seus sacrifícios e terem consciência de que nem tudo foram flores nas vidas dos Bilck, Knabben, Schlichting e Silveira. Aliás, acontecimentos infelizes é que não faltaram na família a começar pela morte de Jacob Knabben o pai de minha bisavó Emília Knabben.

Tragédia 1: O Assassinato do Comissário de Polícia Jacob Knabben.

Jacob Knabben, na época Comissário de Polícia de Palhoça, foi assassinado em uma quinta-feira do dia 5 de maio de 1910. Minha tia madrinha Clarice Maria Silveira Medeiros e minha tia Claudete Silveira de Matos, irmãs de meu pai Cláudio Silveira, assim relataram o doloroso acontecimento²⁴:

Nossa bisavó Theresa Bilck Knabben estava na janela da sua casa em Palhoça quando passavam alguns homens montados a cavalo vindos da serra. Um dos cavaleiros mexeu com Theresa que não gostou começando uma séria discussão com o tropeiro. Não bastasse a discussão Theresa rapidamente foi para o interior da casa dizendo que iria chamar seu marido que era Delegado de Polícia para acertarem as contas. E assim o fez. Quando seu esposo Jacob retornou com o apoio de um soldado os dois foram sumariamente mortos a tiros de revólver na porta da casa.

²⁴ Na página Família Knabben há outra versão do ocorrido. Jacob, segundo depoimento da filha, Anna, faleceu na função de Delegado de Polícia, de Palhoça, junto com um Cabo de polícia. Jacob, mais o Cabo e um Soldado, estavam levando dois bandidos para a prisão, foram surpreendidos, por estes, e baleados. O Jacob e o Cabo ficaram caídos, enquanto que o Soldado conseguiu fugir.

Esta é a versão de minhas tias. Porém, há outra versão noticiada pela Gazeta de Joinville, de 21 de maio de 1910.

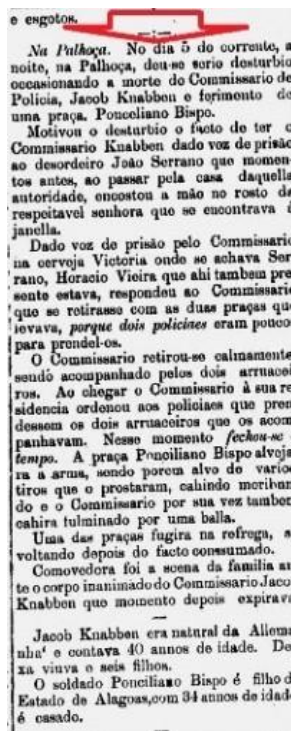


Fig. 4: Recorte de artigo no Jornal Gazeta de Joinville (acervo de José Amaro Quint).



Fig. 5: Retrato de meu trisavô paterno, o Comissário de Polícia Jacob Knabben. Sem data (acervo de Sílvio Knabben).

José Amaro Quint gentilmente me cedeu de seu arquivo pessoal uma cópia desse periódico, em que consta a seguinte notícia:

Na Palhoça. No dia 5 do corrente, a noite, na Palhoça, deu-se sério distúrbio ocasionando a morte do Comissário de Polícia, Jacob Knabben e ferimento de um praça Ponciliano Bispo.

Motivou o distúrbio o fato de ter o Comissário Knabben dado voz de prisão ao desordeiro João Serrano que momentos antes, ao passar pela casa daquela autoridade, encostou a mão no rosto da respeitável senhora²⁵ que se encontrava à janela.

Dado voz de prisão pelo Comissário na Cervejaria Victoria onde se achava Serrano, Horácio Vieira que ali também presente estava, respondeu ao Comissário que se retirasse com os ditos praças que levava porque dois policiais eram poucos para prendê-los.

O Comissário retirou-se calmamente, sendo acompanhado pelos dois arruaceiros. Ao chegar o Comissário à sua residência ordenou aos policiais que

²⁵ A respeitável senhora era a minha trisavó Theresa Bilck Knabben, esposa do Comissário Jacob Knabben.

prendessem os dois arruaceiros que os acompanhavam. Neste momento fechou-se o tempo. O praça Ponciliano Bispo alvejara a arma, sendo porém alvo de vários tiros que o prostraram, caindo moribundo e o Comissário por sua vez também caíra fulminado por uma bala.

Um dos praças fugira na refrega só voltando depois do fato consumado.

Comovedora foi a cena da família ante ao corpo inanimado do Comissário Jacob Knabben que momento depois expirava.

Jacob Knabben era natural da Alemanha e contava com 40 anos de idade. Deixa viúva e seis filhos.

O soldado Ponciliano Bispo é filho do Estado de Alagoas, com 34 anos de idade; é casado.

Após o ocorrido minha bisavó, agora a viúva Theresa Bilck Knabben, mudou-se e foi morar na localidade do Passa Vinte, distante alguns quilômetros da casa que residia no centrinho de Palhoça. A casa do sombrio acontecimento ficou para a sua filha Emília²⁶.

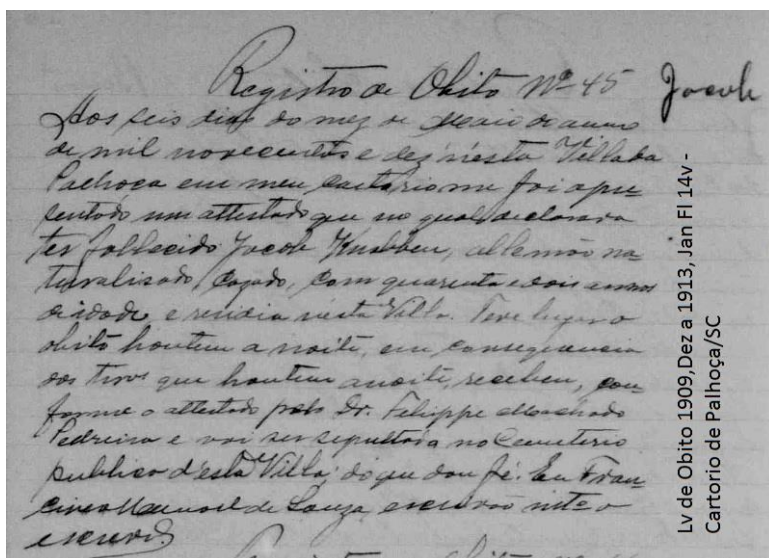


Fig. 6: Atestado de Óbito de Jacob Knabben (acervo de José Amaro Quint).

No Registro de Óbito consta:

Registro de Óbito n°45 Jacob Knabben.

Aos seis dias do mês de maio do ano de mil novecentos e dez nesta vila de Palhoça em meu cartório me foi apresentado um atestado que no qual declarava ter falecido Jacob Knabben, alemão naturalizado, casado, com quarenta e dois anos de idade e residia nesta vila. Teve lugar o óbito ontem à noite, em consequência dos tiros que ontem à noite recebeu, conforme o atestado pelo Sr. Dr. Felipe Machado Pedreira e vai ser sepultado nesta vila do que dou fé. Eu, Francisco Manuel de Souza, escrivão”.²⁷

²⁶ Não consegui esclarecer se a casa foi adquirida mediante compra ou foi repassada para Emília como parte da herança.

²⁷ Fonte: Cartório de Palhoça. Livro de óbito de dezembro 1909, a janeiro de 1913. Folha 14v. Acervo de José Amaro Quint.

Tragédia 2: O incêndio no paiol de carga da família Silveira Knabben.

Meu bisavô Laudelino José da Silveira (conhecido como Lalau) e sua esposa Emília Knabben eram comerciantes. Residiam no centro²⁸ de Palhoça em uma edificação que pertencera aos pais de Emília – Jacob Knabben e Theresa Bilck. O edifício era ao mesmo tempo moradia e casa de comércio. Além da casa comercial onde vendiam uma variedade de produtos possuíam um depósito para o armazenamento de mercadorias (um paiol de carga) que ficava no mangue não muito distante dos fundos de sua casa comercial. Próximo ao depósito, em um canal que ligava o mangue com o mar, ficava o lanchão²⁹ (um barco a vela), de nome Trovão, utilizado para o transporte de pessoas e mercadorias de Palhoça para Floripa e vice-versa.

Para a descrição dos fatos, transcrevo parte de um registro que meu tio-avô Frei Ildefonso Silveira (nome de batismo Laudelino Knabben Silveira) fez sobre sua vida e deixou como legado à família. Do relato, pincei somente a parte em que menciona suas lembranças de infância. Tristes lembranças, de acontecimentos que mudariam para sempre o seu destino. Nas palavras de meu tio-avô Ildefonso: *“Alguns poucos fatos da infância de cinco anos ficaram gravados na memória, dada a sua violência”*.

Assim descreve:

Alguns poucos fatos de infância de cinco anos ficaram gravados na minha memória, dada sua violência. Um deles foi o incêndio do paiol de carga, com a explosão de uma partida de foguetes que lá esperava o embarque com carroças para a serra. Parece que o empregado Geraldo deixou cair uma ponta de cigarro aceso dentro do depósito, que deu origem ao incêndio. Ele levou consigo o seu irmãozinho, Mário, dois anos mais novo. Atrás deles, sem que o Geraldo o visse, foi um outro irmão menor. O Geraldo safou-se com o Mário, o outro pequeno teve que defender-se sozinho e ficou bastante ferido com queimaduras. Felizmente salvou-se após longo tratamento. Na ocasião das explosões eu estava sentado na varanda perto da mãe (Emília Knabben) brincando com um canivete e um pedaço de casca de coco da Bahia, tentando dar-lhe alguma forma. No Álbum de família, que ficava sobre uma mesa na sala, achava-se uma foto de minha irmã no caixão. Outros irmãos menores que não conheci, morreram da

²⁸ O centro de Palhoça a que me refiro localizava-se no entorno da Praça 7 de Setembro, proximidades da igreja matriz Bom Jesus de Nazaré e antiga prefeitura.

²⁹ Nos fundos da Praça, em direção ao atual Campo do Guarani Futebol Clube ficava um rio, nele situava-se um dos três trapiches existentes no centro de Palhoça. Ao longo desse rio, atrás do antigo cinema, até meados do século XX, havia o mercado, o porto de embarque para lanchões, uma banca para comercializar os peixes da região, e um pequeno açougue. Do porto partiam todas as terças-feiras os lanchões carregados de pessoas e de mercadorias trazidas pelos tropeiros de Lages, Bom Retiro, Rancho Queimado, Rio dos Bugres, Santo Amaro e do interior da freguesia, com destino à Desterro, capital da Província. Fonte: <https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/as-primeiras-pracas-de-palhoca/> Acesso em: 23/08/2022.

mesma doença³⁰, segundo se ouvia. O último irmãozinho de que se lembra, o mais novo de todos faleceu durante a última doença da mãe, segundo lhe parece, originada do parto. Parece que desta doença a mãe veio a falecer no dia vinte e cinco de março de 1929, na casa de sua avó Theresa, assistida por Frei Nazário. Eu tinha seis anos e ia fazer sete em abril. Pouco lembro deste fato doloroso. De treze irmãos sobraram oito, uma mulher e sete homens. [...]. Parece que com a morte da mãe, ainda jovem, começou a desventura da família. Parentes falaram até em feitiço. Disseram também que uma prima do pai, sua vizinha, a pretexto de cuidar das crianças, ia roubando aos poucos o dinheiro da venda. [...] no dia 23 de dezembro de 1933, o papai (Laudelino José da Silveira) estava sentado na venda quando teve um ataque cardíaco. Lembro vivamente de tê-lo visto, na cama, de olhos fechados, morto. Mandaram-me avisar o tio Jacob (Jacob Manoel Knabben irmão de Emília), que morava perto e se encontrava na praça. Veio correndo. Nada mais ficou daquela tragédia, daquele Natal triste³¹.

Com a inauguração da ponte Hercílio Luz em 13/05/1926, que fez o negócio de transportar pessoas e mercadoria via barco para Floripa minguar, aliado ao incêndio no galpão que armazenava os produtos em 1927, e a morte da bisavó Emília em 25/03/1929, meu avô Laudelino sentiu na alma a impermanência de tudo que lhe cercava. A perda dos bens materiais poderia suportar. O declínio de seus negócios poderia suportar. Entretanto, o falecimento trágico de sua amada Emília, sua companheira de todos os momentos, esteio de vida e braço forte nos negócios, estava além de suas forças. Meu bisavô desacorçoou da vida, desinteressando-se pelos negócios, não pagando mais impostos, deixando tudo a “Deus dará”.

Após a morte de meu bisavô Laudelino José Silveira, em 1933, tudo que pertencia à família ou foi confiscado³² para o ressarcimento de dívidas ou foi usurpado por espertalhões. A família ficou literalmente sem nada.

Com a tragédia consumada, os filhos de Laudelino e Emília que nasceram em “berço de ouro” começaram a provar o gosto amargo de uma vida de pobreza sem o convívio e amor de seus progenitores. Meu pai usava o termo: “os filhos foram distribuídos como filhotes de gatos. Uns foram para o seminário outros entregues para os cuidados de parentes”.

Meus tios-avôs Laudelino Knabben Silveira e Mário Knabben Silveira, após o falecimento dos pais foram morar com a avó Theresa Bilck, na localidade do Passa Vinte, Palhoça. Por influência de Theresa e provavelmente pelo exemplo de Frei Vicente, os irmãos

³⁰ A doença que Frei Ildefonso se refere seria a Difteria (ou crupe). Uma doença respiratória infectocontagiosa que tem como sintoma característico o aparecimento de placas pseudomembranas, acinzentadas e firmes nas amígdalas e órgãos adjacentes.

³¹ Relato de vida de Frei Ildefonso Silveira O.F.M.

³² Confiscado pelo município e pelo estado.

Laudelino e Mário foram para o seminário de São Luís de Tolosa, da Ordem Franciscana em Rio Negro/PR. Laudelino tornou-se padre e tomou o nome de Frei Ildefonso Silveira O.F.M. Mário desistiu do seminário. No mencionado seminário, Frei Ildefonso tornou-se versado no idioma alemão. Sabia ler, falar e escrever com a maior fluência, mas não aprendeu uma só palavra com sua avó Theresa, que sendo filha e esposa de imigrante alemão conhecia muito bem este vernáculo; aprendeu o idioma alemão no seminário.

A exemplo de Laudelino, que foi morar com a sua avó Theresa Bilck Knabben, outro irmão, meu avô paterno Jacob Knabben Silveira, este, indo morar em Santo Amaro da Imperatriz, na casa de Guilherme Knabben (conhecido por tio Willy). Willy era irmão de sua mãe Emília. Em Santo Amaro da Imperatriz meu avô conheceu e se apaixonou por Gedalva Vanucci, minha avó paterna. Ali também aprendeu o ofício de carpintaria com o Sr. Rainoldo Althoff, que mais tarde viria a ser o padrinho de batismo³³ de Jacob Carlos Silveira, o terceiro filho homem de meus avós paternos.

Após aprender o ofício de carpinteiro com o seu mestre e amigo Rainoldo Althoff, meu avô residiu ainda por um tempo em Santo Amaro da Imperatriz, na casa de seu tio Guilherme Knabben. Mais tarde, casando com Gedalva Vanucci, foi trabalhar na construção de pontes nas seguintes localidades: São Pedro de Alcântara, Major Gercino, Barra Clara e em Biguaçu, dentre outros lugares³⁴.

Uma época difícil, pois a família, agora já com filhos e filhas, possuía vida nômade, mudando-se de lá para cá, só se fixando temporariamente onde era necessário construir pontes. Ao término de cada obra construída a família fazia as malas e mudava para outro destino, determinado pela próxima ponte a vir a ser construída.



Fig. 7: Ponte sobre o Rio Garcia, no atual município de Angelina/SC. Uma das pontes que meu avô Jacob Knabben Silveira participou da construção. Sem data (acervo da família Silveira).

³³ Informação provinda de minha tia Clarice Silveira Medeiros, em abril de 2022.

³⁴ Com relação a quais pontes meu avô esteve envolvido, as tias Clarice Silveira Medeiros e Claudete Silveira de Matos disseram que na época eram ainda crianças e se lembram e que residiram em Angelina e Biguaçu onde seu pai, Jacob (meu avô Totó), estava trabalhando na construção.

Fig. 8: Documento da Diretoria de Estradas de Rodagem/SC. Consta o registro de dias referente ao serviço a construção de uma ponte provisória na estrada de São José a Angelina no Trecho São José, São Pedro de Alcântara. Constam os seguintes nomes: Jacob Silveira (encarregado de obras), Manoel Garcia, Germano Teodoro, João R. Faria, Domingos Silveira e José Faria. Sem data (acervo da família Silveira).

PROJETO N. _____		Diretoria de Estradas de Rodagem		ORDEM DE SERVIÇO N. _____						
FOLHA N. _____		FOLHA DE TEMPO		A FOLHAS						
DESCRIÇÃO DO SERVIÇO: <i>Construção de uma ponte provisória na estrada de São José a Angelina no Trecho São José, São Pedro de Alcântara.</i>										
ESTRADA: <i>São José a Angelina</i>			TRECHO: <i>São José - São Pedro de Alcântara</i>							
NOME DO OPERÁRIO	CATEGORIA	DIAS						TOTAL	SALARIO	MPR TOTAL
<i>Jacob Silveira</i>	<i>Encarregado de obras</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<i>Manoel Garcia</i>	<i>Operário</i>	10	11	12	13	14	15	16	17	18
<i>Germano Teodoro</i>	<i>Operário</i>	19	20	21	22	23	24	25	26	27
<i>João R. Faria</i>	<i>Operário</i>	28	29	30	31	32	33	34	35	36
<i>Domingos Silveira</i>	<i>Operário</i>	37	38	39	40	41	42	43	44	45
<i>José Faria</i>	<i>Operário</i>	46	47	48	49	50	51	52	53	54
		INICIADO EM: _____						TERMINADO EM: _____		
FOLHA DO MÊS DE _____										

A situação só mudou quando meu avô adquiriu a edificação que pertencera a seus pais em Palhoça. Soube que o imóvel iria para leilão. Foi comunicado que a casa iria ser leiloadada para pagamento de impostos atrasados. Informado pelo Sr. João Carolino Zimmermann, seu compadre, padrinho de sua filha Clarice.

O Sr. João trabalhava no Cartório de Biguaçu. Empréstando uma parte do dinheiro³⁵ juntado por meu avô e outros recursos financeiros que conseguira viabilizar. Vendeu a motocicleta (na época chamada de motor) que usava para seu transporte, pediu mais dinheiro emprestado para o tio Willy Knabben somando às poucas economias que conseguira amearhar. Com um razoável montante financeiro sentiu-se confiante em participar do leilão e superar os lances de outros concorrentes. Tinha certeza que lograria êxito e arremataria a casa que pertencera a seus ancestrais. E assim o fez.

Guilherme Knabben (tio Willy) era o padrinho de batismo de meu pai, Cláudio Silveira³⁶. Meu pai tinha muita estima por ele, prova disso é a homenagem que fez (*in memoriam*) colocando o nome de Guilherme ao meu irmão. Com orgulho diversas vezes falou: "o nome do teu irmão foi uma homenagem que fiz ao meu padrinho".

Cheguei a conhecer parte da casa que foi adquirida por meu avô, onde anteriormente residiram Jacob Knabben e Theresa Bilck, e posteriormente, moradia de meus bisavós Emília e Laudelino Silveira. Menciono **parte**, pois quando conheci a edificação já não existia mais a fachada original. Por ter ficado muitos anos abandonada a parte frontal da edificação encontrava-se muito danificada pela ação de xilófagos e os rigores do tempo. Meu avô Jacob Santana Knabben Silveira, quando adquiriu a edificação manteve a parte dos fundos, mas se obrigou a reconstruir a parte frontal.

³⁵ Informação provinda de minha madrinha Clarice Silveira Medeiros, em agosto de 2022.

³⁶ Informação que me foi repassada por meu pai Cláudio Silveira, em março de 2017.



Fig. 9: Fotografia da casa que meu avô Jacob adquiriu em um leilão. Primeira casa a esquerda. A edificação pertenceu a meus trisavós Jacob Knabenn e Theresa Bilck depois repassada para meus bisavós Laudelino José da Silveira e Emília Knabben e mais tarde residência de meus avós Jacob Santana Knabben Silveira e Gedalva Vanucci. Sem data (acervo da família Silveira).

Dados genealógicos da família Knabben³⁷

Com relação à parte genealógica me utilizei dos estudos realizados pelo Dr. Carlos Eduardo Steiner³⁸ complementando-os com informações da uma carta³⁹ escrita por José Knabben a seu sobrinho Vicente Knabben, depoimentos de familiares, fotos e outros dados constantes na página Família Knabben.

Corruptelas do sobrenome: Knabbe, Knabe, Knaben, Knappe e Knappen.

Católicos. Originários de Monheim (am Rhein) e Butzheim, essa última atualmente parte de Rommerskirchen, Renânia do Norte-Vestfália. Dos dois irmãos que imigraram, há descendentes apenas de Werner Knabben, vindo em 1880 e radicado inicialmente em Rancho Queimado e depois em Armazém/SC.

MATHIAS KNABBEN

O primeiro Knabben a se estabelecer em Santa Catarina foi Mathias. Nascido em 28.12.1838, em Butzheim, Renânia do Norte-Vestfália. Mathias falecido em 17.04.1904. Está sepultado no cemitério católico na localidade de Teresópolis atual município de Águas Mornas/SC. Foi Mathias Knabben que estimulou a vinda de seu irmão Werner Knabben, esposa, filhos e filhas para o Brasil. Quando Mathias chegou no Brasil estava com aproximadamente 23 anos de idade.

Mathias viajou no brigue belga Hermina em 04.09.1861 da Antuérpia/Bélgica para o Rio de Janeiro em 13.11.1861 e em 18.11.1861 para Santa Catarina. Estabeleceu-se em Rio dos Bugres (sede da Colônia Santa Isabel) junto da família

³⁷ STEINER (2019, p. 157-159). Livro de Evair Heerdt Michels e Carlos Eduardo Steiner. **Os pioneiros: Genealogia alemã nos vales do Capivari e Braço do Norte**. Campinas, SP: Edição dos autores, 2020, p. 123.

³⁸ Livro Genealogia teuto-catarinense, volume 2, páginas 157,158 e 159.

³⁹ Trata-se de uma carta onde José (Joseph) Knabben, irmão de Jacob Knabben, relata fatos relacionados aos Knabben e a vinda da família para o Brasil. Sobre a carta escreverei outro artigo.

Koehrig, com quem aprendeu o ofício de curtidor. Mudou-se para Lages e depois para o Rio Grande do Sul, onde desposou, possivelmente em Novo Hamburgo, Elisabeth Weber, (nascida em 02.08.1835 em Kreuznach e falecida em 18.06.1892 em Teresópolis)⁴⁰. Retornou para Rancho Queimado abrindo um curtume e uma atafona. Casou em segundas núpcias aos 29.07.1893, em São José, com a também viúva Anna Wagner (nascida em 1847 em Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, e falecida em 20.10.1935, em Rancho Queimado, SC), filha de Christiano Wagner e Maria Gödert. Como não teve filhos, em 1878, durante uma viagem que fez à Alemanha, pediu ao irmão Werner⁴¹ que permitisse a vinda de dois sobrinhos para o Brasil, onde os criaria tornando-os seus herdeiros. Mathias retornou então com Jacob e Anna Maria, filho e filha de seu irmão Werner Knabben. Viajaram a bordo do navio Graf Bismark, chegando ao Rio de Janeiro aos 11.11.1878. Transcorridos dois anos da vinda de Jacob e Anna para o Brasil, seu irmão Werner, pai de Jacob e Anna também emigrou com o restante da família para Santa Catarina. Werner, esposa, filhos e filhas saíram da Antuérpia/Bélgica em data ignorada. Chegaram no Rio de Janeiro aos 03.12.1880, onde permaneceram por oito dias, antes de seguirem viagem até Santa Catarina (ignora-se o navio). Mathias havia comprado um terreno em Morro Chato (Rancho Queimado/SC) onde acomodaria a família de seu irmão Werner. Devido à baixa produtividade da terra e os desentendimentos que ocorreram entre Mathias e Werner (parece que o desentendimento teria a ver com a questão do não cumprimento da promessa que Mathias fez a Werner em adotar Jacob e Anna tornando-lhes seus herdeiros). Descontente com o irmão e com as terras de baixa produtividade, Werner mudou-se em 1884 para Armazém do Capivari (Armazém/SC) lá dedicando-se à agricultura. Mais tarde, Jacob,

⁴⁰ Em 31 de dezembro de 1943 a denominação Teresópolis foi mudada para Queçaba mediante o Decreto-Lei estadual n. 941, por determinação do Decreto-Lei Federal n. 311, de 02 de março de 1938, que não permitia mais de uma cidade ou vila, no Brasil, com a mesma denominação. Esse é um ato consequente da política de nacionalização adotada no Brasil nas décadas de 30 e 40 do século passado. Dessa forma, considerando a existência de uma cidade no estado do Rio de Janeiro com o nome Teresópolis, por sugestão da legislação foi escolhido o termo indígena "Queçaba" para denominar o então Distrito de Teresópolis. Dispondo inclusive de perímetro urbano e sub-urbano demarcados por lei, ao Distrito de Queçaba, com aproximadamente 312 Km², pertenciam as seguintes localidades: Queçaba (hoje Teresópolis), Vargem Grande, Fazenda do Sacramento, Primeira Linha, Segunda Linha, Löffelscheidt, Rio dos Bugres (hoje Santa Isabel), Rio Antinhas, Rio das Antas, Rio do Cedro, Rio Miguel, Rio novo, Rio Salto, Morro do Capivari e Rio Cubatão. A pedido da população - que não nutria simpatia pela denominação Queçaba, em 1974, através de lei municipal n. 85, de 08 de outubro, foi reintroduzido e oficializado pela Prefeitura de Águas Mornas a saudosa nomenclatura do então centenário núcleo colonial: Teresópolis. Fonte: <https://www.aguasmornas.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/137345> / acesso em: 09/09/2022.

⁴¹ Na página da Família Knabben, em <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore> consta como data de nascimento de Werner Knabben o dia 30 de dezembro de 1829 em Butzheim do Reno/Alemanha. Foi sepultado no cemitério Nova Fátima em São João do Sul/SC. Não consta a data do seu falecimento. Filho de Petrum Joseph Knabben (nascido em 17.01.1799 em Butzheim/Alemanha) e Cécilia Jansen. Irmãos: Elisabeth Knabben, Mathias Knabben, Anna Margaretha Knabben, Ursula Knabben, Joseph Knabben. Casado com Anne Christine Schmitz. Filhos: Anna Maria Knabben, Catharina Knabben, Gertrud Knabben, **Jacob Knabben**, Joseph Knabben, Maria Anna Knabben, Paul Knabben e Peter Knabben. Acesso em: 19/08/2022.

filho de Werner Knabben, se desentendeu com seu tio Mathias deixando a residência deste⁴² e indo morar em Santa Isabel onde montou um curtume⁴³ (o ofício de curtidor de couro Jacob aprendeu com seu tio Mathias Knabben).



Fig. 10: Cemitério católico da localidade de Teresópolis onde foi sepultado Mathias Knabben e sua primeira esposa Elizabete Weber. Mathias foi o primeiro Knabben que veio da Alemanha. Não deixando descendentes. Foto: 1990 (acervo de Jurandir Knabben).



Fig. 11: Lápides dos túmulos de Mathias Knabben e Elizabete Weber. Localidade de Teresópolis. Foto: 1990 (acervo de Jurandir Knabben).

44

WERNER KNABBEN

Filho de Peter Joseph Knabben e Cäcilia Jansen. Nasceu em 02.09.1829 em Nettesheim-Butzheim, Rommerskirchen, Renânia do Norte-Vestfália. Casou em 03.09.1853 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália com Anna Christina Schmitz. Nascida em 1826 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Filha de Peter Schmitz e Catharina Huelsen.

Descendentes do casal Werner Knabben e Anna Christina Schmitz:

1. Peter Knabben

Nascido em 22.02.1854. Batizado em 23.02.1854 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Casado com Anna Köhnen (Kühnen)⁴⁵ filha de Wilhelm Kühnen e Gertrude

⁴² Não consegui saber em que data exata e nem o local onde morava Jacob quando deixou a casa de seu tio Mathias Knabben.

⁴³ Curtume (ou alçaçaria) são operações de processamento do couro cru e, por extensão, ao local onde este processamento é feito. Tem por finalidade deixá-lo utilizável para a indústria e o atacado.

⁴⁴ Segundo informação de Jurandir Knabben, lamentavelmente, as sepulturas não existem mais.

⁴⁵ Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvor/Acesso> em: 14/07/2022.

Ana Nehrman (Ackerman?) nascida 08.01.1857 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Residia em Rio Fortuna/SC onde foi professor⁴⁶.



Fig. 12: Peter Knabben (Pedro ou Petrus) e sua esposa Anna Kühnen. sem data.



Fig. 13: Pedro Knabben (de muletas), amigos ou pais e alunos, numa escola alemã em Rio Fortuna, 1911. Foto do acervo de Bundesarchiv, de Berlim, gentileza do historiador Valberto Dirksen.

2. Catharina Knabben⁴⁷

Nascida em 08.01.1857 e batizada em 12.01.1857 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Falecida em 18.11.1889 e sepultada em Alto São Martinho, São Martinho, SC. Casada com Mathias May, viúvo de Catharina Elisabeth Gesine Hoepers, filha de Jacques May e Anna Maria Troes (Trösch). Katharina faleceu no parto do primeiro filho. Viúvo, Mathias May se casou uma terceira vez com Bertha Dörner. Residência: São Martinho.

Fig. 14: Lápide de Catharina Knabben May. Sepultada em São Martinho/SC. sem data (acervo família Knabben).



⁴⁶ Informações dos Relatórios do Consul Alemão em visita a Rio Fortuna e região/SC, de 9 a 22/11/1910, fala que Pedro Knabben era professor católico há 4 anos e que a 2 anos havia machucado a perna esquerda. Na visita de 25/4/1911, tem outros relatos sobre o professor Pedro, dizendo que devido sua enfermidade não dava aulas regularmente e por este motivo os alunos não estavam sendo bem preparados. Estas informações e mais a foto do Pedro, alunos e outras pessoas, estão no livro "Rio Fortuna, Resgatando as Origens", ...de 2008, de diversos autores. A foto do Pedro e informações dos Relatórios são acervo do professor Valberto Dirksen. Noutra página do livro fala que Pedro era vizinho da escola, que faleceu de câncer na perna. Está sepultado no cemitério de Rio Fortuna/SC. Dava aula, por exemplo, de manhã em cima, no Alto Rio Fortuna e à tarde lá em baixo, alternando duas aulas cá e duas lá. O povo pagava o professor Pedro por criança, e ganhava 40.000 reis por mês. Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/Acesso em: 14/08/2022>.

⁴⁷ Catharina foi a 2ª. esposa do Mathias May. Faleceu no parto do único filho, Werner May. Está enterrada no cemitério antigo de São Martinho/SC, o mesmo de seu esposo. Mathias May, com a morte da Catharina, casou pela 3ª. vez, com Bertha Dörner.

3. Paul Knabben

Nascido em 21.05.1860, batizado em 24.05.1860 e falecido em 15.03.1863⁴⁸ em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália.

4. JACOB KNABBEN⁴⁹

Nascido em 23.12.1862 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Batizado em 29.12.1862 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Falecido em 05.05.1919. Casado com Theresa Bilck, nascida em 27.08.1863, em Santa Isabel, falecida em 27/04/1941 em Palhoça/SC. Theresa era filha de Heinrich Bilk e Eva Klein⁵⁰. Residiram em Rancho Queimado, migrando para Rio dos Bugres e posteriormente Palhoça, onde Jacob foi Delegado de Polícia⁵¹. Jacob e sua irmã Anna Maria, emigraram ao Brasil para morar com o tio Mathias Knabben.

5. Gertrud Knabben

Nascida em 19.12.1864, batizada em 23.12.1864 e falecida em 23.06.1865⁵² em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália.

6. Anna Maria Knabben⁵³

Nascida em 07.06.1866 e batizada em 08.06.1866 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Falecida em 12.12.1933 em Ribeirão das Cobras, Ituporanga/SC. Casada em 12.05.1893 com Heinrich Koep (Köpp) dito Henrique, filho de Franz Koep e Magdalena Majeres. Nascido em 23.12.1866, em Teresópolis/SC e faleceu em 17.01.1941 em Rio do Sul/SC. Foi Anna que veio para o Brasil com seu irmão Jacob morar com Mathias.



Fig. 15: Anna Maria Knabben e seu marido Henrique Kopp. Sem data (acervo família Knabben).

⁴⁸ Consta na página Família Knabben que Paul Knabben foi sepultado no cemitério de Monheim, Alemanha. Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/> Pesquisa /Acesso em: 15/08/2022.

⁴⁹ Trisavô paterno do autor.

⁵⁰ Jacob, segundo depoimento da filha, Anna, era um homem alto e forte. Uma pessoa muito relacionada e respeitada em Palhoça, como comerciante e moralmente. Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/> Acesso em: 15/08/2022.

⁵¹ Meu pai, Cláudio Silveira, dizia que Jacob foi Delegado de Polícia. Na notícia de sua morte o repórter usa o termo Comissário de Polícia.

⁵² Gertrudes faleceu em 26/05/1867. Foi sepultada no cemitério de Butzheim, Alemanha. No filme 995479, do Arquivo de Salt Lake City, tem a data de nascimento:22/12/1864. Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/> Acesso em: 15/08/2022.

⁵³ Na página Família Knabben consta que Anna nasceu em 17 de julho de 1868 e faleceu em 12 de dezembro de 1933. Foi sepultada no cemitério de Ituporanga/SC.



Fig. 16: Última residência de Anna M. Knabben em Aurora/SC. Sem data (acervo família Knabben).

7. Maria Anna Knabben⁵⁴

Nascida em 17.06.1868, batizada católica em 24.06.1868 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Casada em 24.10.1885, em São Pedro de Alcântara, SC com Pedro Kuhn, nascido em 08.03.1864, filho de Johann Peter Kuhnen e Eva Katharina Michels.

8. Joseph Knabben⁵⁵

Dito José. Nascido em 09.02.1870 em Monheim am Rhein, Renânia do Norte-Vestfália. Falecido em 26.06.1930 em Gravatal/SC. Sepultado em Corujas (Rio Santo Antônio, Braço do Norte). Casamento católico e civil em 23.09.1893, em Gravatal/SC com Maria Rosa da Silva, nascida em 20.07.1875, em Tubarão/SC, filha de Diomário L. da Rosa Luz e Perpétua Rosa da Silva.



Fig. 17: Joseph (José) Knabben e sua esposa Maria Rosa da Silva. Sem data (acervo família Knabben).

⁵⁴ Consta na página Família Knabben que Maria Anna nasceu em 07/07/1866. No filme 995479, do Arquivo de Salt Lake City, tem a data de nascimento: 08/06/1864. Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/Acesso em: 15/08/2022>.

⁵⁵ Consta na página Família Knabben: José Knabben nasceu em 09/02/1870 e faleceu em 26/06/2930. Está sepultado no cemitério de Gravatal/ SC. Falou Almira Angélica de Bittencourt, nora de Joseph Knabben, "que ele era uma pessoa muito direita e muito católico. Que todas as noites reunia a família, na sala de estar, para rezar a novena, sendo que nenhum filho poderia sair de casa, para ir namorar ou mesmo a bailes sem participar deste momento de oração. Foi ele que iniciou as novenas em devoção ao Sagrado Coração de Jesus e Maria nas casas. Era uma pessoa, que queria tudo certinho e muito rigoroso com os filhos. Tinha o costume de ler os jornais, que recebia da Alemanha, e comentava sobre a história do naufrágio do Titanic (1912). Joseph fez seu casamento em Gravatal, não em Armazém, onde residiam, porque sua família(pai) queria seu casamento com uma descendente alemã, da família Berkenbrock, e não com a Maria Rosa, mas quando do retorno, do casamento, seu pai estava esperando a caravana, na entrada de Armazém, e assim participou também da festa. Comentaram que ia ter escândalo, no retorno do casamento, mas nada disso aconteceu. Quando ela usava vestido curto, isto é: até os joelhos, ele a chamava atenção, dizendo que ela não se vestia adequadamente. Deixou de herança, além de muitas criações e imóveis, as terras onde se localiza as Termas do Gravatal (Gravatal/SC). Nestas terras criava gados e cavalos". Fonte: <http://www.knabben.com.br/Arvore-Genealogica/?ides=843#arvore/Acesso em: 15/08/2022>.

Descendentes de Jacob Knabben e Theresa Bilck⁵⁶



Fig. 18 e Fig. 19: à esquerda Guilherme Knabben (tio Willy). À direita Vicente Knabben (Frei Nazário O.F.M.). (Acervo família Knabben).

Fig. 20 e Fig. 21: à esquerda Anna Knabben (Nininha). À direita, seu irmão Jacob Manoel Knabben com a esposa Dinorah Tancredo. (Acervo família Knabben).



Fig. 22: José Knabben (Zé Jardineiro) e sua esposa Francelina Ferreira. (Acervo família Knabben).

⁵⁶ Trisavós paternos do autor.

Filhos e Filhas de Jacob Knabben e Theresa Bilck⁵⁷			
Nº	Nome	Nascimento	Falecimento
1	Werner Knabben Conhecido como Bernardo	24/06/1884 em Teresópolis/Colônia Militar	15/04/1911 em Palhoça/SC
	Obs.: Livro de Batismo de Teresópolis. Werner Knabben: Capela Colônia Militar (Santa Tereza) Padrinhos: Werner Knabben e Eva Klein. Pais: Jacob Knabben e Theresa Bilck. Avós: Werner Knabben e Christina Schmitz, Henrique Bilck e Eva Klein. Padre: Roer.		
2	Emília Knabben	01/01/1887 em Palhoça/SC	25/03/1929 em Palhoça/SC
	Obs.: Casamento: Laudelino com 25 anos e Emília com 21. Celebrante civil: Arthur de Oliveira Bastos, Juiz de Paz. Casamento (LIVRO B/02, FLS 100V A 101, REG. Nº. 006): Em 01/02/1908.		
3	Guilherme Knabben Conhecido como tio Willy	25/01/1891 em Palhoça/SC	01/09/1958 em Santo Amaro da Imperatriz/SC
	Obs.: Casamento civil em Palhoça na data de 09.12.1911 com Laurentina Rosa de Freitas, nascida em 1895, filha de Joaquim Rosa de Freitas e Maria José de Freitas. Guilherme era de muito prestígio em Santo Amaro. Devido a muitas amizades foi padrinho de batismo de 30 crianças.		
4	Vicente Knabben Mais tarde Frei Nazário O.F.M.	23/11/1893 em Palhoça/SC	20/01/1963 em Santo Amaro da Imperatriz/SC
	Obs.: Na página Família Knabben há uma deferência feita por meu primo Jurandir Knabben, onde cita: “Faço aqui uma homenagem especial ao Frei Nazário, por ter sido ele o primeiro interessado na história de nossas famílias”.		
5	Anna Knabben Conhecida como Nininha	29/12/1900 em Palhoça/ C	19/09/1996 em Palhoça/SC
	Obs.: Residia no início da estrada que vai para a localidade do Passa Vinte em Palhoça/ SC. Casada com João José da Silva.		
6	Jacob Manoel Knabben	05/10/1902 em Palhoça/SC	07/05/1974 em Palhoça/SC
	Obs.: Calmo, paciente, bom pai, político. Casado com Dinorah Tancredo.		
7	José Knabben Conhecido como Zé Jardineiro. Casado com Francelina Ferreira	01/12/1906 em Palhoça/SC	03/05/2006 em Torres/RS

Quem foi Emília Knabben? Quem foi minha bisavó paterna?

Gostaria de poder escrever páginas e mais páginas a respeito. Entretanto, escassos foram os registros e informações que pude apurar sobre ela. Nas entrevistas com familiares⁵⁸ citam poucas e repetidas palavras:

Uma bela mulher de forte conformação física sempre disposta para o trabalho. Ao lado de Lalau ajudava no gerenciamento dos negócios da família. Era o esteio da família. Companheira e o amor da vida de Laudelino José da Silveira (Lalau).

⁵⁷ Fontes: Página criada por Jurandir Knabben denominada Família Knabben. Em <http://www.knabben.com.br/>. Consulta realizada em 09/08/2022. Livro de Evair Heerdt Michels e Carlos Eduardo Steiner. **Os pioneiros: Genealogia alemã nos vales do Capivari e Braço do Norte**. Campinas, SP: Edição dos aurores, 2020. p. 123.

⁵⁸ Entrevista realizada com, em 06/07/2022 com a minha tia Clarice Silveira Medeiros e em 26/07/2022 com minha tia Claudete Silveira de Matos.



Fig. 23: Minha bisavó Emília Knabben Silveira. 1922. (acervo família Silveira).

Nasceu no dia 01 de janeiro de 1887 em Palhoça/SC. Faleceu na casa de sua mãe Theresa Bilck Knabben na localidade do Passa Vinte, em Palhoça/SC em 25/03/1929. Está sepultada no cemitério municipal de Palhoça/SC. Conta Frei Ildelfonso que sua mãe era piedosa e pertenceu ao Apostolado da Oração.



59

Fig. 24 e 25: Uma travessa de porcelana de procedência inglesa e uma saboneteira de porcelana de procedência holandesa. Um dos poucos utensílios ainda existentes que pertenceram aos meus bisavós Laudelino e Emília. Foto de 2022 (acervo de Clarice Silveira Medeiros).



Fig. 26: Antiga sepultura de Emília Knabben e seu esposo Laudelino José da Silveira. No Cemitério Público de Palhoça⁶⁰. Sem data (acervo da família Silveira).

⁵⁹ Segundo informou Clarice Silveira Medeiros, em 16/08/2022, a saboneteira era acompanhada de uma jarra com bacia. A jarra com a bacia minha avó Gedalva vendeu para um antiquário de Floripa quando estava passando por dificuldades financeiras.

⁶⁰ A antiga sepultura foi demolida e em seu local meu avô Jacob Santana Knabben Silveira construiu outra. Os restos mortais de Jacob de Emília Knabben e Laudelino José da Silveira foram transferidos para a nova sepultura. Cemitério Municipal Senhor Bom Jesus de Nazaré. Localizado no Passa Vinte, Palhoça/SC.

Fig. 27: Lápide do túmulo onde repousam três gerações de Knabben Silveira. Nesta tumba⁶¹ foram sepultados Laudelino José da Silveira, Emília Knabben, Jacob Sant'Ana Knabben Silveira, Norma Silveira, Gedalva Vanucci, Claudir Silveira, Emília Silveira Coelho, Jacob Carlos Silveira. Foto de 2022 (acervo do autor).



Filhos e Filhas de Laudelino José da Silveira e Emília Knabben ⁶²			
N°	Nome	Data Nascimento	Local de Falecimento
1	Jacob Santana Knabben Silveira (Totó)	26/10/1910	Palhoça/SC
2	Inês Knabben Silveira	Não encontrada	Palhoça/SC
3	Olga Knabben Silveira	15/06/1912	Tubarão/SC
4	José Gervásio Knabben Silveira (Juca)	19/08/1916	São Paulo/SC
5	Lauro Knabben Silveira	12/08/1918	Biguaçu/SC
6	Delminda Knabben Silveira	13/11/1919	Palhoça/SC
7	Laudelino Knabben Silveira Frei Ildefonso	03/10/1922	Campo Largo/Rondinha/PR
8	Mário Knabben Silveira	08/12/1924	Araranguá/SC
9	João Knabben Cyriaco (Tunda)	16/03/1926	São Paulo/SP
10	Paulo Knabben Silveira	13/11/1927	Palhoça/SC

Considerações finais

Os 175 anos de fundação da Colônia Santa Isabel podem parecer estar muito distante. Entretanto, não faz tanto tempo assim. Apenas quatro gerações me separam de meus ancestrais os Knabben, que saíram de *Monheim am Rhein*, Renânia do Norte-Vestfália, atual Alemanha, se estabelecendo na Colônia Santa Isabel.

O primeiro Knabben foi um intrépido jovem beirando os seus 23 anos de idade chamado Mathias. Chegou em Santa Catarina no ano de 1861. Em terras brasileiras desposou Elisabeth Weber. Como não tiveram filhos, no ano de 1878, Mathias volta à Alemanha para pedir a seu irmão Werner, que lhe desse dois de seus filhos, que trataria

⁶¹ Cemitério Municipal Senhor Bom Jesus de Nazaré. Localizado no Passa Vinte, Palhoça/SC.

⁶² Fonte: <http://www.knabben.com.br/>. Acesso em: 09/08/2022.

como seus e os tornaria herdeiros. Mathias de lá retornou com os sobrinhos Jacob e Anna Maria.

Em 1880, com saudade dos filhos e por acreditar que no Brasil teria um futuro melhor, Werner Knabben (irmão de Mathias), também emigra para Santa Catarina com sua esposa, Anna Christina Schmitz, filhos e filhas. Eu me pergunto, quão difícil foi para Mathias e depois para Werner e família tomarem a decisão de deixarem, para sempre, a sua *Heimatland*, o local que nasceram, o solo sagrado de seus antepassados? Fugiram da pobreza, da fome, da falta de terras para cultivo, das guerras, da desesperança...

Ao se estabelecerem em um país com gente, hábitos, vegetação, idioma e clima tão diferentes tiveram que moldar-se, readaptar-se e refazer as suas vidas. Contudo, uma coisa permaneceria: a sua fé, sua perseverança e disposição para o trabalho. E as tragédias que viveram depois? O assassinato do filho Jacob? O incêndio no paiol de mercadorias do meu avô Lalau? A morte repentina de minha bisavó Emília Knabben? Não foi fácil, nada fácil!

Muitas vezes reclamei da vida. Quem já não reclamou? Diante das adversidades enfrentadas por meus ancestrais, percebo quão fúteis foram os motivos de meus descontentamentos. Quão insignificantes foram as minhas lamentações.

Escrever este artigo foi muito mais que listar nomes, coletar fotos e documentos. Foi sentir na própria carne as tribulações de meus antecessores. Foi perceber o quão longe de minha mente e do meu coração estavam meus bisavós, trisavós e tetravós, pessoas que por não ter convivido, tão pouco ou quase nada conhecia. Bravos personagens de uma grande epopeia. Agricultores, mães dedicadas, curtidor de couro, comerciantes... partes de minha genética e de uma história que não é só minha. É de todas aquelas pessoas que descendem das mais de 400 famílias que se estabeleceram na Colônia Santa Isabel.

Neste jubileu de 175 anos da Colônia Santa Isabel comemoremos orgulhosos as lutas, as vitórias e os feitos de nossos valorosos antepassados.

Wir ehren unsere Vorfahren.

Referências

ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Igreja Matriz de São José da Terra Firme. Batismos 1857 ago-dez.**

Elenco dos Religiosos Falecidos 1894-2002. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil – São Paulo. Elaboração: Frei Olavo Selfert O.F.M. 1ª edição-1990. Atualização dos dados: Frei Regis Daher, ofm. Revisão: Frei Gilson Kammer, O.F.M. 2ª edição-2003.

FARIAS, Vilson Francisco de. **São José - 256 Anos/Em Busca das Raízes**: São José: Ed. do autor, 2006.

JOCHEM, Toni. **A epopeia de uma emigração**. Águas Mornas, SC: ed. do autor, 1997.

JOCHEM, Toni. **Sesquicentenário da colônia alemã Santa Isabel 1847-1997: celebração e memória**/organizado por Toni Jochem – Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1988.

Livro de memórias em comemoração aos 100 anos da imigração alemã no Estado de Santa Catarina/organizado por Gottfried Entres. Blumenau, SC: Nova Letra, 2009.

MATTOS, Jacinto Antonio de. **Colonização do Estado de Santa Catharina – Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916)**. Secretaria Geral dos Negócios do Estado. Gab. Typ. D'O Dia. Florianópolis, 1917.

MICHELS, Evair Heerdt; STEINER, Carlos Eduardo. **Os pioneiros: Genealogia alemã nos vales do Capivari e Braço do Norte**. Campinas, SP: Edição dos autores, 2020.

OLIVEIRA, Maurício de Lima. **Chacina em Anhatomirim**. Florianópolis: Ed. Terceiro Milênio, 1996.

SILVEIRA, Claudir. **Balaio de Caranguejos**: novela/Claudir Silveira. Florianópolis: ed. do autor, 1985.

SILVEIRA, Claudir. **Palhoça**. Edição do autor, 1980.

SILVEIRA, Ildefonso. **Registro da vida de Frei Ildefonso**. Texto inédito. Campo Largo, Rondinha, PR. Sem data.

STEINER, Carlos Eduardo. **Genealogia teuto-catarinense volume 2. Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865)**. Campinas, São Paulo: Edição do autor, 2019.

Acervos pessoais

QUINT, JOSÉ Amaro. **Acervo fotográfico e documental**. São José, 2022.

KNABBEN, Jurandir. **Acervo fotográfico e documental**. Balneário Camboriú, 2022.

KNABBEN, Sílvio. **Acervo fotográfico e documental**. Santo Amaro da Imperatriz, 2022.

MEDEIROS, Clarice Silveira. **Acervo fotográfico e documental**. Coqueiros, Florianópolis, 2022.

MEDEIROS, Eduardo. **Acervo fotográfico e documental**. São Pedro de Alcântara, 2022.

SILVEIRA, Claudir. **Acervo fotográfico e documental**. São Pedro de Alcântara, 2022.

SILVEIRA, Daniel. **Acervo fotográfico e documental**. São Pedro de Alcântara, 2022.

Endereços Eletrônicos

Difteria (Crupe). Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/difteria-crupe> /Acesso em 20 jun. 2022.

FAMÍLIA KNABBEN. 2022. Disponível em: <http://www.knabben.com.br> /Acesso em 20 jun. 2022.

Matrimônio de Emília Knabben. [Brasil, Santa Catarina, Registro Civil, 1850-1999; https://family-search.org/ark:/61903/3:1:S3HY-X9V3-N4?cc=2016197&wc=MXYG-P68%3A337700201%2C337700202%2C338616101](https://family-search.org/ark:/61903/3:1:S3HY-X9V3-N4?cc=2016197&wc=MXYG-P68%3A337700201%2C337700202%2C338616101) /Acesso em 12 ago. 2022.

Entrevistas:

MATOS, Claudete Silveira de. **Entrevista** [26 jul. 2022]. Entrevistador: Daniel Silveira. Santo Amaro da Imperatriz, 2022. Gravação em celular e anotação em bloco de notas.

MEDEIROS, Clarice Silveira. **Entrevista** [6 jul. 2022]. Entrevistador: Daniel Silveira. Florianópolis, 2022. Gravação em celular e anotação em bloco de notas.

KNABBEN, Jurandir. **Entrevista** [26 jul. 2022]. Entrevistador: Daniel Silveira. Balneário Camboriú, 2022. Gravação em celular e anotação em bloco de notas.

KNABBEN, Silvio. **Entrevista** [26 jul. 2022]. Entrevistador: Daniel Silveira. Santo Amaro da Imperatriz, 2022. Gravação em celular e anotação em bloco de notas.

SILVEIRA, Sílvia Dóris. **Entrevista** [16 jul. 2022]. Entrevistador: Daniel Silveira. Palhoça, 2022. Gravação em celular e anotação em bloco de notas.

Como citar este artigo

SILVEIRA, Daniel. **Os laços familiares entre os Knabben da Colônia Santa Isabel e os Silveira de Palhoça**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.